



DA VOZ RECÔNBITA: POR UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O DOCUMENTÁRIO *A CIDADE* (2012)

*From the isolated voice: for a teaching proposal with the documentary A Cidade
(2012)*

*De la voz aislada: para una propuesta didáctica con documental A Cidade
(2012)*

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima

Pós-Doutora em Linguística e Crítica Cultural – Universidade Estadual de Goiás
ffpalima@uol.com.br
orcid.org/0000-0002-1924-4780

Jean Carlos Leal de Souza

Graduado em Letras – Universidade Estadual de Goiás
jeancarlosleal.jcl@gmail.com
orcid.org/0000-0002-9984-6692

Resumo

Neste trabalho, objetivamos apresentar um estudo de variação linguística para as aulas de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental e Médio, com base na exibição do documentário *A Cidade* (2012), de Liliana Sulzbach. Fundamentamo-nos nos postulados dos gêneros discursivos e da Sociolinguística variacionista, para entendermos como a heterogeneidade linguística constitui as identidades sociais, culturais e regionais dos brasileiros.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Documentário. Variação linguística.

Abstract

In this work, we aim to present a study of linguistic variation for Portuguese Language classes in Elementary and High Schools, based on the exhibition of the documentary *A Cidade* (2012), by Liliana Sulzbach. We base ourselves on the postulates of discursive genres and variationist sociolinguistics, in order to understand how linguistic heterogeneity constitutes the social, cultural and regional identities of Brazilians.

Keywords: Discursive genre. Documentary. Linguistic variation.

Resumen

En este trabajo, pretendemos presentar un estudio de la variación lingüística para las clases de lengua portuguesa en las escuelas primarias y secundarias, a partir de la exhibición del documental *A Cidade* (2012), de Liliana Sulzbach. Nos basamos en los postulados de los géneros discursivos y la sociolingüística variacionista, para comprender cómo la heterogeneidad lingüística constituye las identidades sociales, culturales y regionales de los brasileños.



Palabras clave: Género discursivo. Documental. Variación lingüística.

1 INTRODUÇÃO

A formação em Letras e a atuação em sala de aula, por meio das aulas de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa na Educação Básica, contribuíram para levantarmos algumas questões relacionadas aos estudos da linguagem e à prática escolar. Ao cursarmos *Fonética e Fonologia*, questionamo-nos como tal disciplina poderia instaurar um diálogo com as práticas das aulas de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental e Médio, ao mesmo tempo em que vemos sua relevância para lidarmos com o preconceito sobre variações linguísticas inscritas na sociedade. Sabendo que é premente mantermos a relação entre a teoria e as práticas da sala de aula, intercalamos um diálogo entre variação linguística e o gênero documentário que, por seus temas historicamente alicerçados e sua heterogênea semiose, possibilita a construção de habilidades de letramento mais específicas no trato com a linguagem.

Partindo do princípio de que “a educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana e socialmente justa” (BRASIL, 2018, p. 08), vemos pertinência em contextualizar essa proposta de trabalho com as considerações formuladas na Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC, documento normativo e obrigatório aos currículos escolares do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio no Brasil.

Entre as necessidades que temos de pesquisa na rede pública escolar, encontramos no estudo do gênero documentário, filme de curta-metragem, uma possibilidade de dialogarmos com uma das competências gerais da Educação Básica constantes na BNCC (BRASIL, 2018, p. 09) que contempla os “conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2018, p. 09). Nesses termos, este trabalho visa a construir, a partir da análise do documentário *A Cidade* (2012)¹, de Liliana Sulzbach, uma proposta de estudo para as aulas de Língua

¹ Ficha técnica de *A Cidade*. Data de lançamento: 18 de outubro de 2012 (mundial); Gênero: Documentário; Duração: 25 minutos Ano: 2012; Formato: Digital; País: Brasil; Local de produção: RS; Diretora: Liliana Sulzbach; Música composta por: Carlos Badia; Roteiro: Liliana Sulzbach; Elenco: Eloá Giehl, Eva Pereira Nunes, Nair Tavares Taborda, Maria Marlene Waginiack Bronichaki, João Francisco Saldanha; Indicações: Grande Prêmio do Cinema Brasileiro – Melhor Curta-Metragem Documentário. Disponível em http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_cidade, acessado em 20/03/2020.

Portuguesa que desperte o interesse de alunos do 9º (nono) ano do Ensino Fundamental e de alunos do Ensino Médio pelo tema da heterogeneidade étnica, linguística e cultural do nosso país.

Conforme consta na BNCC (2018, p. 136), nos anos finais do Ensino Fundamental, o adolescente/jovem participa com maior criticidade de situações comunicativas diversificadas e isso obviamente se estende ao Ensino Médio. Nas páginas da BNCC (2018, p. 503), o documentário tem o seu lugar enunciativo, enquanto objeto de estudo, na construção do conhecimento:

[...] Além dos gêneros propostos para o Ensino Fundamental, são privilegiados gêneros mais complexos relacionados com a apuração e o relato de fatos e situações (reportagem multimidiática, *documentário* etc.) e com a opinião (crítica da mídia, ensaio, vlog de opinião etc.). Textos, vídeos e podcasts diversos de apreciação de produções culturais também são propostos, a exemplo do que acontece no Ensino Fundamental, mas com análises mais consistentes, tendo em vista a intensificação da análise crítica do funcionamento das diferentes semioses. (BRASIL, 2018, p. 503. Grifos nossos).

Pensando nisso, ao pesquisarmos documentários na *web* que retratassem histórias de cidades ou comunidades situadas no interior do Brasil, observamos algumas peculiaridades das falas e das culturas de cada local. Nessa perspectiva, os eixos da oralidade e escrita, da leitura, da produção escrita e da análise linguística e semiótica, especialmente, no que concerne à variação linguística poderiam ser abordados. Questionamos, assim, se o trabalho com o documentário em sala de aula, cujas temáticas estampam histórias cotidianas de pessoas e/ou lugares, pode possibilitar um estudo sobre variação linguística, enquanto objeto de análise nas aulas de Língua Portuguesa, considerando a pluralidade linguística do Brasil.

Guiados por tal questionamento, encontramos no curta-metragem *A Cidade* (2012), produzido no interior do Rio Grande do Sul, um documentário remissivo a um povo, a um lugar, a uma comunidade e a falas que contam a história de sujeitos territorialmente situados. Este tem uma significativa amostra de falas de seus figurantes, pessoas com mais de 70 (setenta) anos de idade.

A fundamentação teórica que embasa este trabalho ancora-se nos estudos de Mikhail Bakhtin (2003) sobre gêneros discursivos e em alguns de seus estudiosos, como: Rojo e Barbosa (2015), Rojo e Moura (2012), entre outros autores. Nas palavras de Gregolin (2007, p. 69), as ideias de Bakhtin “influenciam decisivamente nossa forma de enxergar a língua como dispositivo de inserção social, a partir dos conceitos de ‘gênero’, de ‘condições de

produção do discurso’, de linguagem como sociointeração, como ‘arena de lutas ideológicas’”. Nessa perspectiva, o olhar se volta para a língua viva, a língua em movimento, a língua em sociedade, a língua-ação que, ao se materializar no texto do documentário, também materializa o mundo, os sujeitos, seus amores, suas dores, vivências e desalentos. Soma-se às considerações sobre gêneros discursivos o postulado da Sociolinguística variacionista, uma vez que observamos como as diferenças regionais e sociais influenciam o linguístico, especialmente, no tratamento da heterogeneidade da linguagem. Nesse sentido, Labov (2008), Alkmim (2001), Camacho (2013) e outros autores embasam uma discussão teórica sobre o paradigma variacionista, entrecruzando questões paralelas entre linguagem, sociedade e ensino de Língua Portuguesa.

Os documentários são gêneros que assumem diversos saberes, daí sua complexidade. No curta coletado, observamos questões de linguagem, de variação linguística, sempre em sua relação com a região e a cultura local. Assim, buscamos produzir uma sequência didática sobre o documentário *A Cidade* (2012), cuja narrativa, que mobiliza o tema da hanseníase, retrata saberes, costumes e/ou lutas vivenciados no interior do Rio Grande do Sul, estado localizado na Região Sul do Brasil. Tentamos, com isso, propor uma atividade para as aulas de Língua Portuguesa, envolvendo, em específico, os elementos próprios da fala, como a variedade linguística e os sentidos regionais e culturais que a contornam.

Seguindo essa linha de raciocínio, trilhamos os seguintes passos: observamos, em *A Cidade* (2012) e em outros documentários, questões de variedade linguística de diferentes regiões brasileiras; escolhemos, dentre esses, o curta *A Cidade* (2012) para ser analisado; discutimos o postulado teórico-analítico dos gêneros do discurso, especificamente, do gênero documentário e sua relevância para a sala de aula; bem como alguns conceitos da Sociolinguística variacionista; e propomos, com base nos dados coletados, uma sequência didática para as aulas de Língua Portuguesa no 9º (nono) ano do Ensino Fundamental e nas três séries do Ensino Médio em conformidade, também, com algumas diretrizes da BNCC.

Afora, tentamos analisar o emprego da língua, suas variações e sua realização em enunciados orais proferidos por alguns figurantes no documentário *A Cidade* (2012), que integra em sua temática o cotidiano da vida de pessoas isoladas pela hanseníase, e constitui, por sua estrutura composicional, um gênero discursivo, cujas concepções discutiremos a seguir.

2 OS GÊNEROS DO DISCURSO E AS PRÁTICAS SOCIAIS

Sabemos que atualmente há uma crescente demanda por gêneros que reúnam diversas linguagens, sempre em diálogo com as novidades trazidas pelo advento das novas tecnologias e mídias digitais, conduzidas pela hipermodernidade e pelas relações sociais inovadas por ela. Para Rojo e Moura (2012, p. 151), as práticas discursivas, sócio-historicamente constituídas, sinalizam as mudanças em curso sobre a multimodalidade dos gêneros discursivos. É um outro olhar sobre novos textos que entrou em cena há algum tempo. Embora não seja um gênero “novo”, o documentário sempre carrega um dado a ser explorado, ou uma novidade a ser observada.

Acreditamos que, para se trabalhar com o documentário em sala de aula na perspectiva dos estudos de Língua Portuguesa, não é necessário que sejamos conhecedores de suas técnicas ou elementos mais específicos. Assim, vamos nos deter aqui em uma noção mais geral de documentário, observando como este pode ser válido aos estudos da oralidade, especialmente no que concerne a questões de variação linguística.

Consoante Sérgio Costa (2008, p. 84), documentário pode ser definido como sendo “um filme informativo e/ou didático, de pouca narratividade, pois não se trata de uma história ficcional, que faz um relato sobre pessoa(s), animais, acontecimentos (históricos, políticos, culturais etc.), ou mesmo sobre objetos, emoções, pensamentos, culturas diversas etc.”, daí o seu caráter didático. É um filme que nos transmite dados, valores e temas socioculturais situados. Dizemos situados no sentido de serem produzidos em regiões e lugares específicos, mobilizando temas específicos, também, articulados em uma materialidade enunciativa. Dessarte, constitui um gênero discursivo, que efetivamente conta alguma história, e tem elementos que lhes são próprios, como ideologias que conduzem sua produção e conteúdo temático em um vasto campo teórico.

O documentário mobiliza história e memória em discursos sobre uma dada realidade. Ao mesmo tempo em que rememora um passado, presentifica nas falas de seus figurantes um tempo e um lugar já vividos, embora recuperáveis, trazidos à cena por meio do eco de suas vozes e da cinesia da imagem.

Se os gêneros discursivos integram práticas sociais e, ao mesmo tempo, são por elas produzidos, eles não são inteiramente estáveis e nem constituem formas fixas para serem analisados. Bakhtin (2003, p. 262-263), em sua clássica definição, concebe os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. É um conceito que abre possibilidades diferenciadas “do olhar” para os textos trabalhados em sala de aula. Uma vez

que estes circulam por diferentes campos da comunicação verbal, podem ser de grande contribuição para os estudos variacionistas da linguagem, pois são produzidos pela heterogênea interação que move os sujeitos em sociedade.

Para Bakhtin (2003, p. 266),

[...] em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

O documentário dialoga com essas considerações porque, entre as inúmeras funções que carrega, ele traduz o cotidiano das pessoas, mobilizado por determinados estilos de fala e condições de comunicação. Apresenta um potencial de abordagens que pode transcender a realidade, os acontecimentos, os costumes e as histórias que movem os sujeitos em sociedade. Quanto a essa questão, as palavras de Rojo e Barbosa (2012, p. 54) fazem-se oportunas, quando assinalam que “nossa vida não é feita apenas de pessoas e objetos. Nem mesmo das ideias e concepções que temos sobre essas pessoas e objetos. É feita de nossas atividades ou ações com essas pessoas e objetos”. O documentário, a depender, lança-se sobre a ficção e a conotação da cultura que figurativizam o dia a dia dos sujeitos. Estudar esse gênero convocamos a entender não apenas as práticas sociais que regem os sujeitos, em uma dimensão fílmica, mas as práticas que nos regem, que mobilizam nosso cotidiano, nossas ações.

Em sala de aula, o documentário pode ensejar uma abordagem da diversidade cultural e linguística dos muitos lugares povoados, por meio da multissemiótica que o constitui, de suas imagens em movimento, narradas e construídas em torno de uma pluralidade cultural. É um gênero que explora, nas vozes de seus figurantes, o plurilinguismo que deve povoar a escola.

Na BNCC (2018), o gênero documentário é citado em algumas habilidades referentes à Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental (cf. EF89LP28) e Médio (cf. EM13LP45), conforme percebemos a seguir:

(EF89LP28) Tomar nota de videoaulas, aulas digitais, apresentações multimidiáticas, vídeos de divulgação científica, documentários e afins, identificando, em função dos objetivos, informações principais para apoio ao estudo e realizando, quando necessário, uma síntese final que destaque e reorganize os pontos ou conceitos centrais e suas relações e que, em alguns casos, seja acompanhada de reflexões pessoais, que podem conter dúvidas, questionamentos, considerações etc. (BRASIL, 2018, p. 185).

(EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, foto denúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, podcasts noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, vlogs de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (vlogs e podcasts culturais, gameplay etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e booktuber, entre outros. (BRASIL, 2018, p. 522).

Essas habilidades aliam ao documentário uma sequência de gêneros que sinalizam novas posturas para os estudos do texto. Afinal, diferentes gêneros surgem a cada momento na atualidade de um mundo digitalmente marcado e convocam um incessante diálogo entre o que temos de mais canônico e o que temos de mais inovador. Em outras palavras, “nos tempos hiper, não basta viver, é preciso contar o que se vive (reordenamento das fronteiras entre o público e o privado) ou, mais do que isso, é preciso mostrá-lo [...]. Somos impelidos a buscar a novidade o tempo todo, a não prescindir dela” (ROJO; BARBOSA, 2012, p. 121). É na multiplicidade semiótica dos textos com os quais os sujeitos em idade escolar vão convivendo, que eles vão se inteirando, vão se “multiletrando”, conhecendo o lugar do outro e, quem sabe, a si mesmos.

Aliadas a essa multiplicidade, encontram-se as variações linguísticas, que habitam o espaço multissocial brasileiro e que podem ser estudadas por vários gêneros que mobilizam a oralidade, como o documentário.

3 A RELEVÂNCIA DOS ESTUDOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

No documentário *A Cidade* (2012), estudamos a fala de seus figurantes, especificamente as variações linguísticas, fenômeno sincrônico observado nas interações sociais dos falantes. Willian Labov (2008, p. 13) assinala que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – “a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos”. Isso define a heterogeneidade linguística que rege os falantes, localizados em sociedades marcadas pela diversidade das hierarquias, das culturas, dos vínculos, conflitos e fronteiras territoriais que os separam e que os unem em suas diferenças.

Segundo Travaglia (2001, p. 41), “para desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua é preciso abrir a escola à pluralidade dos discursos. Uma dimensão dessa pluralidade diz respeito às variedades linguísticas”. Partindo dessa prerrogativa, para discutirmos aqui a variação linguística entrelaçando um diálogo com a multiplicidade cultural, as identidades territoriais e o ensino, amparamo-nos na Sociolinguística variacionista.

De acordo com Bright (1974 apud ALKMIM, 2001, p. 28), “a Sociolinguística deve demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. Isso nos dá a entender que a variação linguística é direcionada, redimensionada pela heterogeneidade social. São as diferenças entre as várias instâncias da sociedade que se atrelam e ao mesmo tempo se materializam na variação da linguagem dos sujeitos pertencentes a essa sociedade.

Para Alkmim (2001, p. 29),

[...] a Sociolinguística se constitui e floresce no momento em que o formalismo, representado pela gramática de Chomsky, alcança enorme repercussão, em rota para o seu percurso vitorioso. Vemos, assim, que, de um lado, a preocupação com as relações entre linguagem e sociedade tinha raízes históricas no contexto acadêmico norte-americano, e que a oposição entre uma abordagem imanente da língua versus a consideração do contexto social é posta com grande vitalidade no campo dos estudos linguísticos.

A Sociolinguística surge em um momento de grande relevância para os estudos da linguagem, uma vez que coloca em cena e no campo da pesquisa a fala dos sujeitos situados socialmente, indo na contramão dos estudos formalistas da linguagem em vigor no início da década de 1960. Isso quer dizer que a Sociolinguística rompe com a teoria imanentista da linguagem por considerar a fala em seu contexto de uso.

Ainda nas palavras de Alkmim (2001, p. 31),

[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

É interessante observarmos como esses usos linguísticos refletem o lugar social de seus falantes, a região a que pertencem, a situação social, a idade e a sexualidade que os identificam em sociedade. O curta aqui analisado mobiliza diferentes falas que por sua vez identificam os sujeitos falantes em suas diferentes regiões.

Travaglia (2001, p. 42) concebe que:

[...] basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas; os dialetos e os registros (estes também chamados de estilos, por muitos estudiosos). Os dialetos são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os registros são variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação.

Isso nos mostra como as variedades linguísticas faladas são distintas dos registros, pois os falantes adaptam o dialeto conforme empregam em determinadas situações de uso, como formal e informal. Já os registros têm que seguir uma norma padrão, posta por ocasião e forma de uso. Muitas são as definições sobre variações de linguagem e dialetais que se espalham na mídia digital. Em texto veiculado no sítio *Mundo Educação*, por exemplo, encontramos diferentes acepções, conforme vemos no texto publicado por Guilherme Viana², as variações geográficas naturalmente falam da diferença de linguagem devido à região. Essas diferenças tornam-se óbvias quando ouvimos um falante brasileiro, um angolano e um português conversando; nos três países, fala-se português, mas há diferenças imensas entre cada fala.

Camacho (2013, p. 17), no prólogo intitulado *Diversidade linguística e castigo divino*, que inicia a obra *Da Linguística Formal à Linguística Social*, esclarece que:

[...] a universalidade e a ubiquidade da variação deveriam sugerir que sua existência é motivada para satisfazer algum tipo de necessidade humana. Paradoxalmente, porém, a espécie humana nega veementemente a existência da variação e onde quer que ela ocorra faz o maior esforço para reduzir seus efeitos, como se exorcizasse uma criatura indesejável, como se reconhecer sua existência equivalesse a reconhecer uma culpa que merece expiação.

O autor reconhece o fato de haver uma dificuldade em se aceitar a variação linguística, principalmente por parte de algumas instituições que tentam reduzir a diversidade linguística em favor de uma norma-padrão. A escola se vê frente a uma luta entre o que prescrevem os parâmetros curriculares atuais, como a própria BNCC, que reconhece a diversidade linguística dos falantes e as posturas conservadoras ainda assentadas na norma gramatical. A questão é como lidar com esses extremos na escola, pois não é todo professor que enxerga a variação como um objeto de estudo. Então, podemos indagar sobre que explicações podem ser dadas,

² VIANA, Guilherme. *Variações linguísticas*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 19 jan. 2021.

que fundamentos podem amparar a variação em sua historicidade. São questões caras à sala de aula, às aulas de Língua Portuguesa, uma vez que a variação linguística se inscreve em toda e qualquer língua e marca o dinamismo social e regional que move os sujeitos, sempre em interlocução com as hierarquias que os regem na sociedade.

4 O DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA: UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A linguagem fílmica de documentários pode consistir não somente em um contínuo diálogo entre realidade e memória, mas, sob o olhar da câmera que nos apresenta seus signos e estruturação, manifestos em imagens em movimento, é um objeto de estudo que:

- a) registra questões sociais e históricas referentes ao cotidiano das pessoas;
- b) apresenta questões territoriais e linguajares que referenciam identidades culturais;
- c) mobiliza em sua explanação uma memória elementar aos seus discursos;
- d) veicula temas plausíveis de problematização na esfera da Educação em sua abrangente relação com a sociedade.

A *Cidade* (2012)³ enfatiza o drama social da hanseníase, vivenciado por muitas pessoas no Rio Grande do Sul. O documentário apresenta a Colônia de Itapuã, localizada no município de Viamão, a 58 km de Porto Alegre, RS. Nesta comunidade, localiza-se o Hospital Colônia de Itapuã, aberto em 1940, cujo objetivo era isolar portadores de hanseníase. O lugar abrigou em torno de 2.474 pessoas, por mais de 70 anos, e conta, na atualidade, com apenas 35 moradores, todos acima de 70 anos, entre os quais encontram-se os protagonistas do documentário em questão, atingidos pela patologia de grande contágio e efeitos devastadores.

Segundo Letícia Eidt (2004), a hanseníase é uma doença que acomete a sociedade brasileira desde o ano de 1600, quando se identificou o primeiro caso na cidade do Rio de Janeiro. Era designada como lepra, denominação dada a várias outras doenças de pele que se supunham ser idênticas ou ter alguma relação com ela. A exclusão de portadores de hanseníase tomou uma proporção significativa na sociedade desde a Idade Média.

Nas palavras de Michel Foucault (2002, p. 54):

[...] a exclusão da lepra era uma prática social que comportava primeiro uma divisão rigorosa, um distanciamento, uma regra de não contato entre um indivíduo (ou um grupo de indivíduos) e outro. Era, de um lado, a rejeição

³ Disponível em:

http://www.morhan.org.br/noticias/1865/documentario_%22a_cidade%22_tem_exibicoes_previstas_em_porto_a_legre_sao_paulo_e_brasilia.

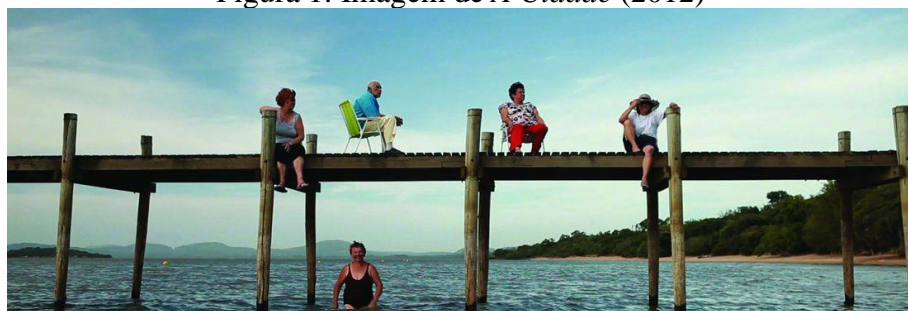
desses indivíduos num mundo exterior, confuso, fora dos muros da cidade, fora dos limites da comunidade.

A exclusão, consoante o autor, significava sofrimento aos indivíduos com hanseníase e os separava da sociedade como um todo, de modo que lhes imputava a condição de anormais e intocáveis. As mudanças quanto a essas condições foram lentas e graduais, ou seja, na medida em que a medicina evoluía, novos tratamentos surgiam, embora não suficientes para incluir o hanseniano na sociedade ou tratá-lo com normalidade.

Obviamente, os discursos que dão vida ao documentário nos fazem entender como as questões sociais influenciam na linguagem, especialmente, no que tange à heterogeneidade constitutiva das vivências de seus figurantes, daquilo que são e de tudo o que os tornou excluídos em um mundo limitado pelas fronteiras do isolamento.

O que podemos lograr de uma análise do documentário aqui apresentado traduz um direcionamento, uma sugestão de estudo para a sala de aula. Para ilustrar, vejamos uma fotografia e alguns trechos extraídos das falas dos participantes do filme que apresentam variações mais marcadas do falar gaúcho em *A Cidade* (2012). O diálogo abaixo foi produzido em um momento de lazer dos principais figurantes das cenas do filme. Eles estão em um píer, no rio Gravataí, e em algumas passagens estão na areia, à beira desse rio, à margem do qual está o Parque de Itapuã na cidade de Viamão. Eles conversam entre si, enquanto a câmera capta as imagens e o descontraído diálogo.

Figura 1: Imagem de *A Cidade* (2012)



Fonte: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2012/09/documentario-a-cidade-de-liliana-sulzbach>, acessado em 20/12/2020.

A transcrição a seguir é apenas uma representação aproximativa que tentou mostrar um breve excerto do diálogo entre Seu Joãozinho, Terezinha e algumas senhoras, cujas falas veiculam variações que são peculiares à região Sul do Brasil. Assim, a transcrição fonética tenta representar alguns sons da oralidade no diálogo a seguir:

Seu Joãozinho: – *Sabe de um ditado: que homi fei e sem coragi não obeti mulher bonita.* [sic].

[sabl di ã ditadU] [ki õmI feI i sêI kɔrazI nãU ɔbetI muʎer bõnitɔ]

Seu Joãozinho: – *Mas, eu não queria tá tão sozinho, assim, se conseguisse, mas não consegui nada. Depois que eu perdi a falecida Tonha, eu picurei uma, mas ela varreu fora* (risos). [sic]

Terezinha – *E a Marlene?* [i a marlẽnI]

Seu Joãozinho – *A Marlene não* (risos). *Mas, agora que tu falô na Marlene, vô dizê uma coisa, passô pela minha cabeça, assim, um carinhozinho não faz mal a ninguém, isto sempre faz bem a todos* (risos). *Oia, eu vô te ser bem franco: com toda minha idade, a mulher pra mim tem que ter a estatura da Marlene* (risos). *Agora, esses barriu de chop não faz meu gênio* [sic]. [agɔrɛ eses bariw de ʃope]

Percebemos na fala de Seu Joãozinho a presença marcada do [r] tepe alveolar, comumente usado na fala do Sul do Brasil. Outra ocorrência fonética é a oclusiva alveolar vozeada [d] e não a africada alveopalatal vozeada [dʒ]. Em um estudo comparativo com o documentário *Paredes Invisíveis*, filmado no interior da região Nordeste, podemos observar as aproximações e os distanciamentos com as variações fonéticas entre o [r] tepe alveolar gaúcho e a fricativa velar desvozeada [X], mais comum no falar da região nordestina. Os sons vocálicos fechados e pós-tônicos, como a vogal média-alta anterior não-arredondada [e], são muito comuns na fala sulista, conforme vemos em [ʃope]. Já no falar nordestino o som do /e/ pós-tônico é sempre representado pelo som da vogal anterior alta não-arredondada [i].

Em estudo realizado por Botassini (2011, p. 1060), sobre a variação no uso dos róticos, designação que representa a classe de sons dos fonemas /r/, a autora observa que em Porto Alegre, RS:

[...] o r-fraco relaciona-se ao tepe [r] e ocorre em todos os dialetos do português em posição intervocálica (por exemplo: caro) (cf. Cristófaró Silva, 2009: 142), também é o rótico utilizado como segundo elemento de grupo consonântico (por exemplo: prato); em posição pós-vocálica (por exemplo: carne, mar), pode ocorrer um ou outro, entretanto com predomínio do r-fraco, principalmente em dialetos do sul.

Em outras palavras, o tepe alveolar [r] é comum ao dialeto do Rio Grande do Sul, principalmente em posição pós-vocálica. Já nos documentários produzidos no Nordeste, o que observamos na fala dos figurantes não apresenta esse som em posição final pós-vocálica, ao contrário, a variação registra o uso da fricativa velar desvozeada [X].

Não nos propomos a fazer uma transcrição fonética minuciosa, pois a finalidade maior dessa investigação é apresentar uma possibilidade de estudo para se entender a variação linguística em sala de aula. Ou seja, os sons das variantes mais representativas de cada região,

por meio da exibição e análise de documentários, podem explicar questões temáticas e interpretativas sobre a variação linguística e sua historicidade na construção das diversidades regionais e culturais brasileiras. Há mister que consideremos os aspectos constitutivos na relação entre sujeito e língua materna, bem como a influência dos processos migratórios de cada região que, historicamente, deixaram marcas variacionistas nos descendentes de imigrantes no Brasil.

Se considerarmos o sujeito e sua história, não podemos nos limitar a dizer que as variações linguísticas advêm de regionalismos. Essa é uma concepção limitante e simplista sobre as noções que definem os processos variacionistas da linguagem, uma vez circunscritos aos muros de suas regiões. Conforme Bolognini e Payer (2005, p. 46), “tem-se observado que na prática de linguagem dos falantes descendentes de imigrantes apresenta-se uma tensão entre a língua nacional e a língua materna, que se produz na história e atinge tanto a estrutura da língua quanto a do sujeito”. Isso quer dizer que há um laço tênue entre o aspecto materno da língua que embasa a ascendência do falante e interfere, obviamente, em sua fala.

Estudar variação linguística em aulas de Língua Portuguesa requer que vejamos como os traços e as singularidades das falas amparam-se em uma construção histórica da língua, na medida em que remetem a uma memória de colonização e miscigenação multicultural que tem na variação linguística o seu melhor espelho. A BNCC (2018, p. 507) aborda o tema da variação linguística em algumas habilidades do Ensino Médio (EM) que, com as sequências identificadas como: EM13LP09 e EM13LP10, devem ser trabalhadas nas três séries (do 1º ao 3º ano), conforme vemos a seguir:

(EM13LP09) Comparar o tratamento dado pela gramática tradicional e pelas gramáticas de uso contemporâneas em relação a diferentes tópicos gramaticais, de forma a perceber as diferenças de abordagem e o fenômeno da variação linguística e analisar motivações que levam ao predomínio do ensino da norma-padrão na escola. (BRASIL, 2018, p. 507).

(EM13LP10) Analisar o fenômeno da variação linguística, em seus diferentes níveis (variações fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática) e em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos. (BRASIL, 2018, p. 508).

As habilidades supracitadas advogam para que se analise o fenômeno da variação linguística em seus diferentes níveis. Essa orientação requer um engajamento em dimensões

que vão desde as diferenças regionais do falar às circunstâncias situacionais e etárias dos sujeitos. Nesse sentido, é necessário que o professor busque conhecer noções que discutam as variantes que marcam a heterogeneidade do português falado no Brasil. O professor utilizará o documentário em sala de aula, a fim de promover um debate, um estudo prévio que discuta as diferenças regionais e linguísticas no curta apresentado, bem como os níveis que podem ser explorados, como: região, faixa etária, sexo dos falantes, grau de escolaridade, situação social e ocupacional, bem como as circunstâncias que os levaram às limitações de uma vida inteira de exclusão em colônia de isolamento.

Para que essa ação seja mais produtiva, propomos que o professor realize em sala um estudo comparativo de dois documentários produzidos em diferentes regiões do Brasil que poderiam ser, a título de exemplo, *A Cidade* (2012) e *Paredes Invisíveis* (2015)⁴, de Caco Schmitt e Vera Rotta, este último filmado no interior do Nordeste, curtas que abordam o drama daqueles excluídos pela hanseníase.

Ao discutir o eixo de análise linguística e semiótica em Língua Portuguesa, a BNCC (2018, p. 81) atesta que:

[...] cabem reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (BRASIL, 2018, p. 81).

Teríamos, assim, falas concernentes a duas regiões extremas do Brasil, Sul e Nordeste, com seus dialetos e variações. Os temas que norteiam esses documentários dialogam entre si, ambos contam a história de pessoas atingidas pela hanseníase, internadas compulsoriamente em hospitais-colônia.

Neste estudo, que propomos realizar, o professor deve orientar os alunos, organizados em grupos, à realização de algumas ações, a saber:

- a) buscar, nas imagens dos documentários, compreensões acerca dos territórios e regiões em que são filmados;

⁴*Paredes Invisíveis* (2015). Direção: Caco Schmitt e Vera Rotta; Roteiro: Caco Schmitt; Fotografia: Vinicius Barcelos; Edição: Eduardo Schmitt; Finalização: Gustavo Schmitt; Locução: Ney Latorraca; Realização: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – Instituto Primeiro Plano – Cenaum Produções; Ficha Técnica da Publicação - Organização: Maria José H. Coelho e Vera Rotta; Projeto Gráfico e Diagramação: Cristiane Cardoso; Edição: Vera Rotta; Textos: Leonardo Mourão; Entrevistas: Vera Rotta; Fotografia: Luis Abreu e Vera Rotta.

- b) acompanhar, no processo de assistência dos filmes, não apenas o conteúdo temático de cada um, mas observar os elementos constitutivos da estrutura composicional do gênero documentário.
- c) exibir os documentários na íntegra em sala de aula, para que os alunos extraíam excertos das falas protagonizadas pelos figurantes participantes associadas ao espaço geográfico de onde falam;
- d) possibilitar que os alunos construam pontes entre a teoria que estuda a variação linguística, a sociedade e os seus falantes;
- e) oportunizar um diálogo entre o trabalho comparativo de documentários e as propostas curriculares nas séries estudadas.

As ações supracitadas devem dar suporte a possíveis questionamentos, à pluralidade de interpretações e dos espaços territoriais povoados por diferentes falantes. Se forem analisados dois filmes, em uma perspectiva comparativa, considerando aproximações e distanciamentos, temos dois olhares, dois posicionamentos, duas linguagens fílmicas com temas, sentidos e estilos próprios, duas formas de discursividade que, tomadas no campo da Educação, especificamente do currículo que norteia as aulas de Língua Portuguesa, podem ser exemplares para discussões a respeito da variação linguística e traduzir a heterogeneidade do povo brasileiro e de sua miscigenação histórica.

Os diálogos apresentados nos filmes que coletamos podem promover um debate produtivo entre os grupos em sala de aula e oportunizar a compreensão de indagações que podem ser discutidas a partir das seguintes questões:

- 1) As imagens e as falas mostram que entre linguagem e territorialidade há um diálogo que alude a uma identidade linguística marcada pela variação?
- 2) Como o filme retrata a vida dos moradores?
- 3) O contexto histórico do lugar onde o documentário é produzido é explicado?
- 4) Pensando na relação entre linguagem e territorialidade, em qual cena se observam variações linguísticas mais marcadas? Explique sua escolha.
- 5) Você assistiria a esse documentário novamente ou o indicaria para alguém assistir? Justifique.

Os questionamentos supracitados denotam que o gênero documentário, ao ser trabalhado em sala de aula, constitui uma relevante prática educacional para a formação linguística, cultural e social dos alunos.

Em diálogo com o que observamos está a competência número 4, dentre as Competências Específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018, p. 87), que convoca os sujeitos escolares a “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. Isso requer habilidade e envolvimento com as questões sensíveis ao preconceito linguístico.

As falas aqui analisadas recompõem imagens e discursos que presentificam um passado, retomam-no na instância temporal do acontecimento vivido. Em seu esteio, são trazidas lembranças de fatos que identificam a postura do isolamento, dos seus danos e efeitos, e desestabilizam o olhar sobre o outro, em um dado espaço, em uma dada época. O documentário *A Cidade* (2012), por conseguinte, mostra o Brasil em sua heterogeneidade linguística e territorial, produto de uma história de colonização e miscigenação racial, que ultrapassa distâncias temporais e culturais que separaram pessoas. Estas, em suas versões e, por escolha, ainda recônditas, narram suas memórias e aproximam-se do seu passado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor uma atividade com o documentário para a aula de Língua Portuguesa não deixa de ser uma tentativa para respondermos a questões referentes à norma e à variação linguísticas e aos seus efeitos para a comunidade escolar. Partir de um documentário para irmos um pouco além nos diálogos com a sala de aula é ultrapassar a fronteira que o nosso território oferece em termos linguísticos, é assinalar aos sujeitos, figurantes que dele participam, um lugar de enunciação.

Conforme Lemke (2010, p. 29),

[...] o que realmente precisamos ensinar, e compreender antes de poder ensinar, é como vários letramentos e tradições culturais combinam essas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. Tenho chamado isto de “significado multiplicador” (LEMKE, 1994a; 1998) porque as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória; em multimídia, as possibilidades de significação não são meramente aditivas.

Há uma vasta possibilidade de combinações no estudo com o gênero documentário que se estende a rumos diversos sobre os temas que dão existência a esses textos, assim como as condições que os fazem dar voz aos seus protagonistas. O documentário pode levar para a sala de aula uma compreensão da linguagem humana, com seu repertório variacionista, que se



estende a uma compreensão de costumes, de culturas, de territórios e de histórias que, de modo multifacetado, se dão a conhecer. Isso convoca a aceitação do outro e de suas diferenças, de modo bastante didático, fazendo com que os discentes pensem sobre temas que se materializam na linguagem humana, sobre o que separa e o que une os sujeitos em sociedade, sobre o que torna a exclusão maior do que a existência, e o silêncio mais alto do que sua voz, como vemos em *A Cidade*.

Essa seria uma reflexão válida para pensarmos também que linguagem é ação, é o processo que mantém os sujeitos em interação. Ainda que seja um exemplo de gênero a ser trabalhado, entre tantos outros que existem, o documentário pode ser direcionado a outras discussões, pois a temática da exclusão social que conduz *A Cidade* (2012) se estende a diversas áreas do conhecimento. Contudo, pensamos que seja fundamental aos educadores fazerem esse entrelaçamento entre temas mais subjetivos e os conteúdos de Língua Portuguesa, a fim de que se possa ampliar o senso crítico e, quem sabe, despertar a sensibilidade daqueles que passam a conhecê-lo.

REFERÊNCIAS

- ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOLOGNINI, Carmen Z.; PAYER, Maria Onice. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, São Paulo, Apr./June, 2005. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200020. Acesso em: 20 dez. 2020.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. A variação no uso dos róticos em Porto Alegre. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40 (2), p. 1060-1072, maio-ago, 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/ffpal/AppData/Local/Temp/1361-3623-1-SM.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.
- CAMACHO, Roberto Gomes. 2013. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- COSTA, Sérgio R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- EIDT, Letícia Maria. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**. v. 13, n. 2, São Paulo, mai./ago., 2004. Disponível em:





http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200008. Acesso em: 02 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Andréa Daher. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social. In: CORREIA, D. A.; FARACO, C. A. (Org.). **A Relevância social da linguística**: linguagem, teoria e ensino. Ponta Grossa, PR; Editora UEPG, São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMKE, Jay. 2010. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 49, n. 2 Campinas, July/Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009. Acesso em: 05 jun. 2020.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 6. São Paulo: Cortez, 2012.

Original recebido em: 06 de julho de 2021

Aceito para publicação em: 02 de agosto de 2023

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima

Pós-Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Pós-Doutora em Linguística e Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP-CAR). Professora adjunta da do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UNUINHUMAS).

Jean Carlos Leal de Souza

Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professor da Educação Básica em Inhumas, Goiás.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

